

ÉTICA E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO¹

Henrique de Oliveira Fernandes²

O presente trabalho toma como objeto a questão do diálogo inter-religioso no contexto de uma sociedade marcada pelo pluralismo cultural e de credos, e apresenta o tema da alteridade (de acordo com Lévinas) como um elemento essencial para o diálogo.

Segundo a Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer (2004) um tema recorrente na obra de Lévinas é “o humanismo do outro e da alteridade do outro como interpelação e epifania para a ética e o agir moral” (p. 237). Destaca-se, neste particular, que a ética levinasiana é, essencialmente, uma ética da alteridade, que implica em responsabilidade.

Essa ideia de responsabilidade pelo outro aparece no trecho da obra *Humanismo do outro homem*, de Lévinas, quando afirma que “ninguém pode permanecer em si: a humanidade do ser humano, a subjetividade, é uma responsabilidade pelos outros, uma vulnerabilidade extrema” (p. 124).

A ética de Lévinas, portanto, é uma ética do respeito à vida, ao diálogo, à acolhida do próximo. Trata-se de um “humanismo do outro”; uma ética plena de abertura ao infinito do outro, cheia de solicitude que já é responsabilidade pelo outro (cf. Melo, 2003).

A partir desta perspectiva ética apontada por Lévinas, compreendo que se pode enfrentar com maturidade, sensibilidade e acolhimento os desafios presentes nas iniciativas de diálogo inter-religioso da atualidade.

O pluralismo religioso é uma realidade nos cenários culturais do século XXI, revelando uma crescente diversidade religiosa. As novas religiosidades representam,

¹ Dezembro 2011.

² Psicólogo e Mestre em Psicologia pela UFRJ. Pós-Graduado em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

como explica o Prof. Faustino Teixeira (2008), uma afirmação da alteridade. E comenta que “o pluralismo religioso impõe-se hoje como um componente ‘intransponível’, que desafia todas as religiões ao exercício do diálogo” (p. 119).

Como afirma Hans Küng (cf. Teixeira, 2008), temos hoje algumas opções para lidar com a diversidade religiosa: rivalidade ou diálogo entre as religiões, condição para a paz entre as nações.

Sem dúvida que o diálogo há que ser o caminho. A comentada “afirmação da alteridade” (Faustino Teixeira) deverá, todavia, estar baseada numa “ética da alteridade” (Lévinas), a fim de que sejam evitadas atitudes inadequadas que resultarão em desrespeito e violência entre religiosos de diferentes denominações.

Na ética da alteridade a experiência fundante é o encontro humano. A relação com outro homem, com o próximo, é o que dá um sentido maior à própria relação. O ser humano deve ser percebido em sua singularidade, possuidor que é de um valor intrínseco.

A ética da alteridade funda-se numa concepção de proximidade, hospitalidade, encontro humano; estrutura-se a partir de uma mudança do olhar, porquanto

em Lévinas, realiza-se uma torção, um trauma, em que a razão da maiêutica, do cogito, da ontologia, da totalidade, do primado do eu é profundamente questionada pelo rosto que se faz proximidade e anuncia o logos do Infinito, da ética, da fecundidade, da hospitalidade” (Rosa, 2010, p. 7).

Ribeiro Júnior (cf. Rosa, 2010), analisando o pensamento levinasiano, na profundidade de suas reflexões éticas, afirma que

a relação com o Outro conduz o filósofo a radicalizar sua antropologia como redenção. [...] O Outro é o próximo, e que, de tão próximo, conduz a um desinteressamento radical do sujeito egolátrico, submetido a uma espécie de contágio patológico do “eu” pelo Outro. A situação ética é a situação da proximidade, da responsabilidade, que desemboca na substituição pelo outro [...]” (p. 26).

É neste aspecto que situamos a questão da alteridade como condição *sine qua non* para a realização do diálogo interreligioso, o qual está a exigir dos religiosos uma mudança de atitudes em relação ao outro com quem se pretende dialogar. E o resultado desta postura será, sem dúvida, a aceitação do outro, e não a tentativa de

Dialogar é atitude das mais complexas, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais que são, todos eles, atravessados por valores.

O diálogo verdadeiro se expressa na experiência do encontro de interlocutores, pontuado pela dinâmica da alteridade e da reciprocidade. Neste diálogo, celebra-se a diferença em processo fecundo de troca e crescimento mútuos. E, para tanto, faz-se mister a percepção da totalidade do outro, e não a captação de aspectos fragmentados de suas realidades.

No diálogo inter-religioso, que é muito mais do que o intercâmbio de crenças religiosas diversas, é preciso uma abertura para o outro, uma disponibilidade interna para desenvolver a difícil arte de ouvir o diferente. Suspender temporariamente suas cognições e afetos – sem negá-los – para captar a verdade do outro e o que lhe dá sentido, resultará em ricas possibilidades de mudança pessoal. O diálogo não é para mudar o outro, mas é para o recíproco enriquecimento, acreditando, inclusive, na transformação pessoal a partir do encontro.

Dentro desta perspectiva, cabe considerar que a necessária abertura ao encontro dialogal pode significar para a pessoa uma experiência de ameaça à sua identidade religiosa e de fé – e isto representa um desafio às propostas do diálogo inter-religioso –, levando-a a atitudes de “defesa” da própria identidade. Todavia, a abertura ao diálogo não representa a morte de nossa subjetividade, sendo, ao contrário, uma possibilidade de aprofundamento da nossa própria fé. Somente consegue dialogar de modo rico, salutar e maduro aquele que está enraizado em sua fé, que se mantém fiel à sua tradição. É necessário estar ancorado em um referencial de fé que possa dar sentido à vida e à sua existência no mundo.

É preciso, neste sentido, um descentramento da visão egocentrada para que se possa realizar a experiência do encontro. Como afirma Lévinas (1993), “ninguém pode permanecer em si: a humanidade do ser humano, a subjetividade, é uma responsabilidade pelos outros, uma vulnerabilidade extrema” (p. 124).

O diálogo inter-religioso, portanto, funda-se no reconhecimento do outro e de suas convicções. Trata-se naturalmente de uma atitude ética de respeito e acolhimento dentro dos horizontes da alteridade.

Viu-se que, em Lévinas, o humanismo do outro e da alteridade do outro representam uma interpelação e epifania para a ética e o agir moral. De fato, a questão da alteridade e do diálogo inter-religioso impõe uma reflexão de natureza ética e moral, que se pode pensar, por exemplo, a partir da experiência do *ser estrangeiro* que o povo israelita viveu ao longo de sua história, gerando a idéia de *acolher o imigrante*. Está dito

que “*se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito*” (Lv, 10.33-34). Ao perceber-se como um estrangeiro, o ser humano experiencia uma alteridade, e isto também o torna vulnerável.

Portanto, realizar a experiência do acolhimento do outro, do estrangeiro (que também sou), daquele que pensa diferente dentro da mesma terra, cria uma abertura ao diálogo em clima de hospitalidade na *casa comum* que a vivência ética enseja.

A alteridade, como experiência ética, coloca o ser humano a serviço do outro, traduzindo o amor nas relações humanas. Existe uma responsabilidade ética do eu para com o outro. Padrões atitudinais marcados pela indiferença e insensibilidade mostram-se incompatíveis com um horizonte ético centrado no valor do outro enquanto totalidade irreduzível dotada de valor e respeito.

É neste sentido que o diálogo inter-religioso constitui uma necessidade e, ao mesmo tempo, um desafio no contexto hodierno de pluralismo religioso. E para tanto torna-se fundamental uma abertura ao valor da alteridade (cf. Teixeira, 2008).

O diálogo entre pessoas de diferentes fé pode e deve ser uma vivência plena de busca pelo (e encontro do) sentido ético de que fala Lévinas, quando acolhemos o rosto do outro na sua singularidade e trabalhamos pela construção de um mundo melhor através da “sabedoria do amor a serviço do amor” (cf. Rosa, 2010, p. 147).

* * *

Referências

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Saborear a fé em meio à pluralidade: os caminhos da teologia em meio ao diálogo inter-religioso. **Perspectiva Teológica**, 36, 2004, 221-239.

TEIXEIRA, Faustino & DIAS, Z. M. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível**. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2008.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis, Vozes, 1993.

MELO, Nélio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005.

ROSA, Luís Carlos Dalla. **Educar para a sabedoria do amor: a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do êxodo**. Tese de Doutorado. Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, 2010.